

HUMANAS E SOCIAIS

V.9 • N.2 • 2021 • Fluxo Contínuo

ISSN Digital: 2316-3801

ISSN Impresso: 2316-3348

DOI: 10.17564/2316-3801.2021v9n2p643-655



“ENTÃO A DEUSA SE MATA EM SACRIFÍCIO DE SEUS PRÓPRIOS ANIMAIS”: A MULHER MARAVILHA COMO UMA PRESCRIÇÃO DO “SER MULHER”

“SO THE GODDESS KILLS HERSELF AT THE SACRIFICE OF HER OWN ANIMALS”: WONDER WOMAN AS A PRESCRIPTION FOR “BEING A WOMAN”

“ENTONCES LA DIOSA SE MATA A SÍ MISMA EN EL SACRIFICIO DE SUS PROPIOS ANIMALES”: MUJER MARAVILLA COMO UNA RECETA PARA “SER UNA MUJER”

Amanda Muniz Oliveira¹

Rodolpho Alexandre Santos Melo Bastos²

RESUMO

A partir de um processo judicial no qual uma empregada questiona o pseudônimo “mulher maravilha”, lhe atribuído por sua chefia, o presente ensaio tem como objetivo principal compreender o que significa ser uma mulher maravilha. Para tanto, investiga-se as origens da super-heroína Mulher Maravilha, personagem criada nos anos 1940 como um novo modelo feminino a ser seguido e questiona-se a imposição deste modelo na vida das mulheres. Sob a roupagem de uma livre escolha, os papéis sociais da mulher moderna já estão determinados pelo modelo da mulher maravilha: aquela que trabalha fora de casa e ainda assim consegue conciliar o cuidado do lar, da família, do casamento, da sexualidade etc. Assim, demonstra-se como a personagem, criada e recepcionada como símbolo da luta feminista, também pode ser utilizada como uma prescrição do que é “ser mulher”, em detrimento da individualidade de cada pessoa.

PALAVRAS-CHAVE

Mulher Maravilha; super-heroína; feminismo.

ABSTRACT

Based on a lawsuit in which an employee questions the pseudonym “wonder woman”, attributed to her by her boss, this essay has the main objective of understanding what it means to be a wonder woman. To do so, it investigates the origins of the superheroine Wonder Woman, a character created in the 1940s as a new female model to be followed and questions the imposition of this model on women’s lives. Under the guise of a free choice, the social roles of the modern woman are already determined by the model of the wonder woman: one who works outside the home and yet manages to reconcile the care of the home, family, marriage, sexuality, etc. Thus, it demonstrates how the character, created and received as a symbol of the feminist struggle, can also be used as a prescription for what it means to “be a woman”, to the detriment of each person’s individuality.

KEYWORDS

Wonder Woman; Super hero; feminisms

RESUMEN

Basado en un proceso judicial en el que un empleado cuestiona el seudónimo de “mujer maravilla”, atribuido a ella por su jefe, este ensayo tiene el objetivo principal de comprender lo que significa ser una mujer maravilla. Para hacerlo, investiga los orígenes de la superheroína Wonder Woman, un personaje creado en la década de 1940 como un nuevo modelo femenino a seguir y cuestiona la imposición de este modelo en la vida de las mujeres. Bajo la apariencia de una libre elección, los roles sociales de la mujer moderna ya están determinados por el modelo de la mujer maravilla: la que trabaja fuera del hogar y aún logra conciliar el cuidado del hogar, la familia, el matrimonio, la sexualidad, etc. Por lo tanto, demuestra cómo el personaje, creado y recibido como un símbolo de la lucha feminista, también puede usarse como una receta para lo que significa “ser mujer”, en detrimento de la individualidad de cada persona.

PALABRAS CLAVE

mujer Maravilla; Super heroe; feminismo.

1 INTRODUÇÃO

Em 2018, na 27ª Vara do Trabalho de Porto Alegre um interessante depoimento foi coletado durante uma audiência trabalhista³. A reclamante, autora da ação, exigia de seu antigo patrão, além de horas extras e correção salarial, indenização por danos morais. O motivo: ser conhecida na empresa como *mulher maravilha*.

Ocorre que era prática comum neste local de trabalho que cada funcionário fosse identificado com o nome de personagem ficto, escolhido pela supervisão (conforme a ex-funcionária). Assim, diariamente, um relatório de produção era exibido nos televisores do lugar, informando qual empregado-personagem havia cumprido as metas e quais tiveram desempenho abaixo do esperado.

Conforme transcrição do depoimento da reclamante:

havia cobrança de metas excessivas na empresa por parte da supervisora de vendas [...], e pela supervisora geral [...]; as cobranças ocorriam coletivamente nas reuniões diárias, sendo que a depoente e seus colegas tinham que expor porque não vendiam tanto quanto outro colega; [ela] se sentia constrangida com essa situação e também se sentiu constrangida porque no primeiro dia de trabalho a supervisora explicou que a depoente seria identificada por um “avatar”, que no caso da depoente era a mulher maravilha; todos os colegas eram identificados da mesma forma e sempre de personagens de HQ; [ela] reportou [seu] ao desconforto quanto ao fato à supervisora [...] e foi dito que esse era o padrão da empresa⁴.

Na interpretação da ex-funcionária, “a exposição que a [empresa] submetia sua funcionária atribuindo a um personagem ‘Mulher Maravilha’ ultrapassa sua capacidade humana de cumprir metas”, ou seja, o pseudônimo mulher maravilha estaria diretamente ligado a metas exaustivas, impossíveis de serem atingidas. Tendo seu pedido de indenização por danos morais negado em primeira instância, a autora recorre ao Tribunal Regional da 4ª Região que, sobre o seu pedido, responde:

A existência de um “avatar” ou pseudônimo, no caso da reclamante, de “mulher maravilha” de forma alguma é pejorativa ou “ultrapassa sua capacidade humana de cumprir metas.” Ao contrário, é sugestivo de um desempenho acima da média. Além disso, o fato de o empregado se sentir desconfortável com tal prática, por si só, também não enseja dano moral indenizável, uma vez que o pseudônimo não era pejorativo⁵.

Há, portanto, uma clara divergência interpretativa sobre o avatar em questão: elogio, para o tribunal; termo pejorativo, para a funcionária.

Neste sentido, o presente ensaio se propõe a refletir sobre uma questão central para a querela descrita: o que de fato significa ser uma *mulher maravilha*? Trata-se de uma mulher excepcional, que merece toda admiração e respeito ou se trata de um rótulo prescritivo, que estabelece o *dever ser* feminino?

Para tanto, será necessário investigar as origens da aclamada personagem de William Marston

³ Documento anexado no Processo 0021172-85.2017.5.04.0027 (1ª Instância). Disponível em: <https://pje.trt4.jus.br/consultaprocessual/detalhe-processo/0021172-85.2017.5.04.0027>. Acesso em: 1 fev. 2020.

(sob o pseudônimo de Charles Moulton), a Mulher Maravilha; levaremos em consideração tanto a biografia do autor, quanto o contexto de produção do quadrinho dos anos 1940. Ademais, investigaremos os novos significados atribuídos à expressão *Mulher Maravilha*, sobretudo após a entrada da mulher no mercado de trabalho.

2 UM NOVO TIPO DE MULHER QUE DEVE GOVERNAR O MUNDO⁶: A MULHER MARAVILHA

É impossível realizar uma análise do termo *Mulher Maravilha* sem nos voltarmos para sua origem: a personagem criada por Willian Moulton Marston em 1941. Fruto direto dos debates sobre empoderamento feminino, a Mulher Maravilha (doravante, MM) é considerada uma das mais influentes super-heroínas das Histórias em Quadrinhos (doravante, HQ), herdeira direta da “noção de ‘nova mulher’ forjada na década de 1920, período de implementação de conquistas femininas nos campos sociais e políticos” (CUNHA, 2016, p. 15).

Nascida em Themyscira, uma ilha inalcançável para o mundo dos homens, Diana, a MM, é princesa das amazonas – uma raça de guerreiras bem treinadas e protegidas pelos deuses do panteão grego. Filha de Hipólita, rainha do local, a jovem tem seu destino marcado pelo encontro com o piloto estadunidense Steve Trevor, que caiu na ilha após um acidente aéreo. A partir do encontro, Diana se lança ao mundo dos homens, vivendo aventuras repletas de significados sobre o *que é ser mulher* na década de 1940.

Neste sentido, o contexto de produção da MM diz muito sobre tal significado; Marston, seu idealizador se preocupava de fato com a construção da imagem de uma *nova mulher*. Estudioso das áreas de psicologia, direito e filosofia, mostrou-se grande entusiasta das lutas feministas: “No ensino médio apoiava grupos ligados ao movimento sufragista e na graduação foi um dos primeiros a problematizar a ausência de políticas que permitissem o ingresso de mulheres na Universidade de Harvard” (CUNHA, 2016, p. 93).

Tal entusiasmo afetou diretamente a criação da futura super-heroína:

A intenção de Marston era declaradamente fazer da personagem principal uma espécie de propaganda psicológica que delinearía o tipo de mulher que viria a governar o mundo (LEPORE, 2014, p. 191). Para tanto, ele não apenas escrevia o roteiro, como também fazia questão de participar de cada detalhe da produção. Foi ele quem escolheu o artista responsável pelo desenho, Harry George Peter (1880-1958), que já havia realizado trabalhos de cunho feminista, e se reunia frequentemente com o editor Sheldon Mayer, o mesmo editor de Superman, para tratar de cada detalhe. Sobre alterações e edições ele, conforme Lepore (2014, p. 189), era enfático: “mantenha o tema [feminismo] ou abandone o projeto”. (CUNHA, 2016, p. 93).

É possível perceber, portanto, que a MM já é concebida como uma prescrição do feminino em

⁶ Referência a uma afirmação de Warston, criador da Mulher Maravilha (FOGUEL, 2019).

um mundo de constantes transformações. Por mais poderosa, valente e guerreira que a personagem se apresentasse em sua concepção original, um ponto merece atenção: a MM é uma personagem feminina completamente construída por olhares masculinos, ao menos inicialmente. Como afirma Cunha (2016, p. 112):

Não houve mulheres envolvidas diretamente no processo inicial de criação da Mulher Maravilha. Somente mais tarde (1945), quando ela já gozava de considerável sucesso e Marston precisava cuidar da saúde, é que foi contratada Joye Hummel, uma jovem e bela aluna de Marston do curso Psicologia de Katharine Gibbs School que contribuiu na produção de roteiros até a morte do psicólogo em 1947. Há também evidências de que as companheiras de Marston contribuíram com valiosas sugestões na composição da Mulher Maravilha, mas nunca foram devidamente creditadas.

Sobre este ponto, pertinente alguns comentários sobre a vida pessoal de Marston. Em 1925, já casado com a advogada e psicóloga Sarah Elizabeth Holloway Marston, é admitido como professor na *American University*, em Massachusetts. É nesta ocasião que conhece Olive Byrne, sua então aluna e futura companheira, terceiro elemento da relação poliamorosa que seria constituída. Conforme Cunha (2016, p. 92):

Juntos, eles trabalharam numa pesquisa que procurava estudar as emoções de mulheres que eram amarradas e submedidas a experiências semelhantes às do sadomasoquismo. Esse tipo de experiência também foi bastante difundido nas produções de Mulher Maravilha.

Na visão da autora, portanto, embora Marston demonstrasse real interesse nas emoções femininas e atuasse como apoiador da igualdade de gênero e demais causas feministas, demonstrava um comportamento contraditório.

Ele sempre divulgava [...] a ideia de que as mulheres deveriam governar o mundo, mas, ao que parece, não a sua casa. Pelo menos é o que suas ações nos levam a acreditar, pois ele sempre fez com que as mulheres de sua vida agissem em conformidade com o que ele queira. Assim, Holloway aceitou relacionamento a três, e às vezes a quatro, e nunca levou crédito pelas contribuições nas pesquisas desenvolvidas com Marston. O mesmo aconteceu com Byrne, que embora estivesse sempre envolvida nos experimentos e produção dos livros de Marston, nunca foi devidamente creditada. (CUNHA, 2016, p. 93).

Para além de suas práticas pessoais, a própria noção do feminino (ou melhor, de nova mulher) apresentada pelo criador da MM apresenta-se como ambígua e problemática. Por um lado, de acordo com Lepore (2014, p. 196)

Marston queria que sua história em quadrinhos refletisse “o grande movimento em andamento - o crescimento do poder das mulheres”, e que isso fosse incorporado na maneira como a Mulher Maravilha se apresentava, como ela se vestia e que poderes ela possuía. Ela tinha que ser forte, e ela tinha que ser independente. Todos concordaram com as pulseiras

(inspiradas em Olive Byrne): isso ajudou Gaines com seu problema público já que que ela podia parar balas com elas; isso foi uma solução para a questão das armas⁷. (Tradução nossa)

Todavia, em contrapartida,

Essa nova super-heróina tinha que ser extraordinariamente bonita; ela usaria uma tiara, como a coroa concedida no concurso Miss America. Marston queria se opor à guerra, mas sua heroína tinha que estar disposta a lutar pela democracia. Na verdade, ela tinha que ser superpatriótica. [...] Como o Capitão América - por causa do Capitão América - a Mulher Maravilha também teria que usar vermelho, branco e azul. Mas, idealmente, ela também usaria muito pouco. Para vender revistas, Gaines queria que sua super-mulher estivesse o mais nua possível⁸. (LEPORE, 2014, p. 196).

É possível perceber, portanto, uma tensão de intenções na criação da MM. Por um lado, ela deveria representar a *nova mulher* da modernidade, forte, independente e, em certa medida, pacífica. Mas a mesmo tempo, ela deveria apresentar uma beleza acima do padrão, fazendo remissão direta as supermodelos estadunidenses com sua tiara e apresentar seu corpo para o consumo do público, já que aparentemente as suas histórias não seriam suficientes.

Uma fala direta de Marston (1943, p. 42) nos ajuda a aprofundar esta crítica:

Um homem aqui, na melhor das hipóteses, carece das qualidades de amor e ternura maternas que são tão essenciais para uma criança quanto o respirar. Suponha que o modelo de seu filho seja o Super-Homem que usa seu poder extraordinário para ajudar os fracos. Ainda falta o ingrediente mais importante na receita da felicidade humana - o amor. É inteligente ser forte. É grande ser generoso. Mas é feminino, de acordo com regras exclusivamente masculinas, ser terno, amoroso, afetuoso e sedutor. “Ah, isso é coisa de menina!”, bufa nosso jovem leitor de quadrinhos. “Quem quer ser uma garota?” E esse é o ponto; nem as meninas querem ser meninas, já que nosso arquétipo feminino não tem força, poder. Não querendo ser meninas, as crianças não querem ser carinhosas, submissas e pacíficas como as boas mulheres. As fortes qualidades das mulheres tornaram-se desprezadas por causa das fracas. O remédio óbvio é criar um personagem feminino com toda a força do super-homem e todo o fascínio de uma mulher boa e bonita⁹.

7 Traduziu-se do original: “Marston wanted his comic book’s ‘undermeaning’, ‘about’ a great movement now under way – the growth in the power of women,” to be embodied in the way Wonder Woman carried herself, how she dressed, and what powers she wielded. She had to be strong, and she had to be independent. Everyone agreed about the bracelets (inspired by Olive Byrne’s): it helped Gaines with his public relations problem that she could stop bullets with them; that was good for the gun problem”.

8 Traduziu-se do original: “this new superhero had to be uncommonly beautiful; she’d wear a tiara, like the crown awarded at the Miss America pageant. Marston wanted to be opposed to war, but she had to be willing to fight for democracy. In fact, she had to be superpatriotic. [] Like Captain America – because of Captain America – Wonder Woman would have to wear red, white, and blue too. But ideally, she’d also wear very little. To sell magazines, Gaines wanted his superwoman to be as naked as he could get away with”.

9 Traduziu-se do original: “A male here, at best, lacks the qualities of maternal love and tenderness which are as essential to

Ou seja, embora a MM possua atributos de força, poder e independência, ela também encerra em si atributos que para seu criador seriam socialmente vistas como femininos: carinho, amor, maternidade e ternura. Trata-se, portanto, de uma visão essencialista do que é ser mulher, que já aponta prescrições de como essa suposta *nova mulher* deveria ser: no qual, deve assumir atributos historicamente conectados ao masculino, mesmo que nenhuma mulher tenha decidido sobre isso.

Neste ponto é importante destacar que não acreditamos que a MM veicule apenas noções problemáticas ou negativas do ser mulher. De fato, trata-se de uma criação pioneira já que representa de maneira inédita uma mulher guerreira que não aguarda seu herói salvador para confrontar suas batalhas. Mas não podemos nos esquecer de que tal representação é ambígua, já que a personagem ainda está vinculada a características essencialistas do feminino, chegando inclusive a desistir da imortalidade para ficar ao lado do homem que ama – mostrando ser uma não tão nova mulher assim.

Conforme afirmam Souza e Azevedo (2019, p. 79):

Repleta de contradições e polêmicas, a história da Mulher-Maravilha reflete um problema enraizado em nossa cultura e que vem à tona nos dias de hoje constantemente: a hegemonia do pensamento machista. Os quadrinhos da Mulher-Maravilha retratam a desapropriação da mulher de seu lugar de fala e representatividade, ao submeter a imagem, a idealização da mulher, a uma criação de homens.

É possível vislumbrar, portanto, que as origens da MM apontam tanto para uma mulher empoderada, dotada de habilidades acima da média (já que reúne em si atributos¹⁰ femininos e masculinos) como para uma mulher essencializada e prescritiva, que deve ser carinhosa, terna e amorosa.

Sobre este ponto seria possível conjecturar de que essas questões estão muito ligadas ao contexto de produção inicial da personagem e de que muitas coisas mudaram até os dias atuais, nas produções de suas histórias. Todavia, embora existam várias versões da MM, os atributos estabelecidos por Marston não parecem ter se dissipado. A personagem é retratada como alguém disposta a sempre se sacrificar pelos demais:

[...] em tempos de guerra, a Mulher-Maravilha representava a força das mulheres norte-americanas, que deviam trabalhar para que seu país se mantivesse firme e unido en-

a normal child as the breath of life. Suppose your child's ideal becomes a Superman who uses his extraordinary power to help the weak. The most important ingredient in the human happiness recipe still is missing – love. It's smart to be strong. It's big to be generous. But it's sissified, according to exclusively masculine rules, to be tender, loving, affectionate, and alluring. 'Aw, that's girl's stuff!' snorts our young comics reader. 'Who wants to be a girl?' And that's the point; not even girls want to be girls so long as our feminine archetype lacks force, strength, power. Not wanting to be girls they don't want to be tender, submissive, peaceloving as good women are. Women's strong qualities have become despised because of their weak ones. The obvious remedy is to create a feminine character with all the strength of superman plus all the allure of a good and beautiful woman".¹⁰ É importante mencionar que esses atributos, ditos masculinos e femininos, são referentes a tradições patriarcais. Neste caso, trata-se de uma cultura judaica e cristã, já que nem sempre tais atributos são vinculados a um ou outro gênero, vide outras tradições sociais ancoradas em outras tradições religiosas e mitológicas.

quanto os homens lutavam na guerra contra os nazistas e em nome da liberdade. Ela é a mulher que vai à luta pelos seus ideais e se sacrifica por eles, mas sem perder sua identidade feminina. (NOGUEIRA, 2015, p. 112).

Em outras palavras, dela e – portanto, da nova mulher –, é esperado resiliência, força para superar os obstáculos e devoção incondicional a causas maiores, como a família e a pátria.

No ano de 2017, a personagem ganha um longa-metragem dirigido pela diretora Patty Jenkins. Na narrativa, a heroína porta uma espada, a Matadora de Deuses, na qual está cravada a seguinte mensagem: *a vida está matando o tempo todo, então a deusa se mata em sacrifício aos seus animais*¹¹. Trata-se de uma frase da obra *Deusas: os mistérios do divino feminino*, de Joseph Campbell que, conforme Gonçalves (2017, p. 198), “narra a transformação e a persistência dos poderes simbólicos arquetípicos do divino feminino”. Novamente, o filme evoca, porém, a uma conexão entre o feminino e o sacrifício que dele se espera.

Tal fato, também, poderia ser justificado com base na ideia de que a MM é uma super-heroína e que, como tal, deve estar disposta a lutar e se sacrificar pela humanidade. O filme, todavia, apresenta um detalhe ausente de qualquer filme de super-heróis masculinos; em sua cena final, Diana fala “agora eu sei que só o *amor* pode salvar o mundo” (JENKINS, 2017).

As percepções a respeito destas representações mais modernas e distantes de seu contexto de origem demandariam uma pesquisa mais aprofundada e cautelosa, o que fugiria aos objetivos do presente ensaio, motivo pelo qual não nos aprofundaremos em tais questões. Todavia, o conceito de Mulher Maravilha não é empregado apenas em relação à personagem dos anos 1940; com a entrada da mulher no mercado de trabalho, cumprindo jornadas nas empresas e nos lares, a nova mulher de Marston é, mais uma vez reinventada e caracterizada, culminando em um tipo aprimorado de Mulher Maravilha, desta vez, distante das HQ.

3 A ILUSÃO DA ESCOLHA: A MULHER MARAVILHA COMO UMA PRESCRIÇÃO DO *SER MULHER*

Com a entrada das mulheres no mercado de trabalho e as conseqüentes transformações sociais, políticas e econômicas que tal fato acarretou, o novo tipo de mulher estabelecido por Marston tornou-se mais próximo do real. Desta forma, as mulheres conquistaram, com muita luta, sangue e suor, espaços que tradicionalmente eram reservados aos homens. Essa transformação, porém, culminou

11 Essa frase está conectada a uma tradição de deusas primordiais, ligadas a maternidade e a criação (lembrando que existem todo tipo de deusas, como as guerreiras e as da destruição, como Kali). Ademais, mesmo dentre certas deusas relacionadas a criação, existem atributos de sabedoria e guerra. Porém, a concepção relativa a esta frase grafada na espada da MM é uma visão ocidentalizada sobre as deusas da criação; isto significa dizer que é a visão de um homem (no caso o autor do livro, Campbell) que reflete as interpretações judaicas e cristãs sobre divindades femininas. Isto reforça nossa afirmativa de que a MM ainda compactua com traços de uma cultura patriarcal. Ao mesmo tempo em que ela é fruto da construção de um homem (Marston), sua espada reproduz o escrito de uma visão masculina sobre as deusas (Campbell). Destacamos, porém, que nem todas as deusas e tradições religiosas compactuam com essa visão a respeito das deusas.

na criação de um novo modelo prescritivo do que é ser mulher na sociedade contemporânea, diretamente ligada a questão do *trabalho*.

Ocorre que, se antes à mulher era resguardado o espaço doméstico, no qual ela deveria exercer exclusivamente toda sua ternura, carinho e amor, agora ela *deve*, por inúmeros fatores, ser capaz de desempenhar tarefas laborais diversas, com a mesma competência que um homem, já que seu sexo é a todo momento posto à prova. Conforme Lages, Detoni e Sarmiento (2005, p. 3) “A inserção da mulher em um espaço majoritariamente masculino [...] acabou por fazer com que ela anexasse às funções domésticas, o trabalho fora de casa, sobrecarregando-a com múltiplas jornadas”.

Neste sentido, o que tem se observado na contemporaneidade é que o homem permanece com seus papéis sociais, inclusive nas atividades de trabalho, podendo descansar após uma longa e exaustiva jornada laboral, mas o mesmo não ocorre com as mulheres. De acordo com Lages, Detoni e Sarmiento (2005, p. 3-4):

[...] ao se falar do trabalho da mulher fora de casa, muitos elementos se fazem presentes: emancipação feminina, filhos, cônjuge, renda familiar, sentimentos de culpa pela ausência no lar, dentre outros. Tal fato acontece porque a mulher continua sendo socialmente considerada como elo da família e, como tal, se espera que ela desenvolva esse papel, mas que também produza, isto é, tenha o seu trabalho profissional, não abandonando a sua missão de protetora e mantenedora social do lar. [...] A cultura não abandonou a noção de que são exclusivas do gênero feminino as funções domésticas. Assim, se naturaliza a dupla jornada de trabalho.

Desta forma, se a MM dos anos 1940 prescrevia uma *nova mulher*, capaz de encerrar em si atributos ditos femininos e masculinos, a contemporaneidade assistiu o surgimento de um novo tipo prescritivo de MM, pautada pelas relações de trabalho *fora e dentro* do lar.

Uma pesquisa desenvolvida com mulheres brasileiras por Rocha-Coutinho (2004) explica bem o que significa, neste contexto, ser uma MM. Ao todo, a pesquisadora entrevistou 25 estudantes universitárias de 18 a 28 anos, inscritas em diferentes cursos, no intuito de identificar a identidade da mulher brasileira e suas percepções sobre “maternidade, os relacionamentos afetivos, a sexualidade, o casamento e a carreira profissional” (ROCHA-COUTINHO, 2004, p. 3). Embora suas entrevistadas tenham apresentado discursos sobre igualdade de gênero e a importância das escolhas pessoais na contemporaneidade, já que atualmente é possível escolher casar-se ou não, ter filhos ou não, trabalhar ou não, Rocha-Coutinho (2004, p. 7-8) destaca:

Uma das formas encontradas pelas entrevistadas para conciliar o antigo discurso sobre o feminino com o discurso mais moderno e atual foi situar as questões em termos de “escolhas pessoais”. Isto é, as pessoas não mais precisam se submeter a papéis pré-estabelecidos. Elas têm liberdade de escolher como querem viver suas vidas, fazendo o que for melhor para elas. Este ponto aparece na decisão de ter ou não filhos, casar ou não casar, investir ou não em uma carreira profissional, tomar ou não a iniciativa nos relacionamentos amorosos, entre outras. As pessoas, assim, tanto podem escolher repetir o

discurso anterior, “antigo”, como optar pelo “moderno”. Mas a opção das entrevistadas foi, geralmente, pelo meio termo, uma tentativa de conciliação entre os dois. Ou seja, o discurso da “escolha” situa a mulher entre possibilidades que causam impasses que não são vistos como tal.

Em outras palavras, a escolha aparece como uma justificativa frágil. Assim como Marston, ao criar sua personagem, já havia decidido pelas mulheres que elas deveriam incorporar atributos masculinos e femininos, as expectativas sociais para as mulheres contemporâneas também prescrevem que elas *precisam conciliar* o que delas se espera, inclusive nas relações laborais. Corroborando nossa interpretação, Rocha-Coutinho (2004, p. 10) afirma:

O trabalho fora de casa ganha, para nossas entrevistadas, o estatuto de pré-condição para qualquer possibilidade de realização, algo próximo a um imperativo, que coexiste com outro imperativo, o de que a mulher deve ser responsável pela gestão da vida doméstica, incluindo-se aí o cuidado com os filhos. Tal fato traz conseqüências, tanto para as condições de trabalho que vão ser por elas buscadas - uma forma que procura conciliar as diferentes “prioridades” (como, por exemplo, a escolha de Endocrinologia ou Oftalmologia pelas estudantes de medicina, áreas que não envolvem tantos plantões nos finais de semana, o que impossibilitaria o freqüente e regular investimento na família, como se pode ver nos discursos a seguir) -, quanto para a definição do momento em que se deve abrir mão do investimento em uma delas, o trabalho, para favorecer a outra, a família.

Além disso, questões como intelecto, saúde, beleza, relacionamento afetivo, maternidade e criação dos filhos aparecem nas entrevistas, sendo sintetizadas por Rocha-Coutinho (2004, p. 12) da seguinte forma:

Para as entrevistadas, já não basta ser “bela” (“Ela tem que ser inteligente e tem que ser muito bonita” [entrevistada] A5). Como no caso da oposição família-maternidade, e ratificando o título de nossa pesquisa (“De Cinderela a Mulher Maravilha”), as mulheres entrevistadas almejam ser “mulheres maravilhas”, ou seja, bonitas e inteligentes, “saradas” e cultas, sensuais e trabalhadoras e boas donas de casa e mães.

As MM da contemporaneidade, portanto, estão sob uma constante pressão prescritiva, que lhes define de antemão o que é *ser mulher* em nossa sociedade. E como afirmam Lages, Detoni e Sarmiento (2005, p. 5)

Para atender a tantas demandas - as do âmbito familiar, as do âmbito sócio-cultural e as do mercado de trabalho, existem apenas duas alternativas: ou a mulher se torna a ‘mulher maravilha’, a super-heroína norte-americana, ou ela se estressa e adocece.

De fato, a chamada *síndrome da mulher maravilha* não recebe esta nomenclatura por acaso. Conforme Abreu (2016, p. 48):

A síndrome da mulher maravilha é a condição nosológica da consciinginosomática multitarefa, manifestando-se na condição de refém das pressões externas da sociedade moderna na busca da perfeição, utilizando-se de supostos superpoderes, autoiludida sobre a própria capacidade e equivocada quanto à prioridade evolutiva.

Trata-se, portanto, de uma síndrome na qual a mulher acredita possuir habilidades múltiplas para lidar com todas as tarefas designadas, o que pode gerar estresse, ansiedade e mesmo depressão. Dentre as causas desencadeadoras da síndrome, Abreu (2016, p. 48) afirma:

O novo cenário da mulher contemporânea permite ela exercer, praticamente, qualquer profissão e com isso as possibilidades são amplas. Na vontade de fazer tudo, e com perfeição, muitas mulheres atuam no limite das próprias capacidades na realização de múltiplos papéis (profissional, esposa, mãe, entre outros). De acordo com a ONU (Ano-base: 2015), globalmente, as mulheres dedicam até 3 horas por dia a mais de trabalho doméstico em relação aos homens e gastam até 10 vezes mais a quantidade de tempo do dia cuidando da família, incluindo os cuidados com as crianças, os idosos e enfermos. Ademais, em média, as mulheres empregadas ganham 10 a 30% a menos em comparação com os homens para desempenhar as mesmas tarefas.

O termo Mulher Maravilha, lembrando o julgado transcrito no início deste ensaio, pode até não ser propriamente pejorativo, mas encerra significados mais profundos que um simples elogio à falácia dos superpoderes femininos em realizar diversas ações. Se por um lado a super-heroína que origina a expressão foi concebida para ser uma nova mulher, terna e carinhosa, mas forte e independente, o termo na contemporaneidade foi utilizado para prescrever um novo padrão feminino que, inclusive, desencadeia uma síndrome capaz de desencadear patologias emocionais. Trata-se de uma apropriação do capitalismo para inserir a mulher no mercado do trabalho, ainda tendo, como pano de fundo, o sistema patriarcal. Isso posto, indaga-se: é este tipo de Mulher Maravilha que nós mulheres *precisamos* ser?

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de um julgado da justiça trabalhista, o presente ensaio se propõe a questionar o que significa, de fato, ser uma Mulher Maravilha. Nossa reflexão se inicia na personagem dos HQ, criada por William Marston como modelo do que ele chama de *a nova mulher*. Dotada de ambiguidades e contradições, é possível perceber na MM de Marston tanto uma mulher independente e empoderada quanto uma mulher essencializada, ligada a atributos como ternura, carinho e amor.

Na sequência, identificamos na contemporaneidade um novo tipo de MM. Com a entrada das mulheres no mundo do trabalho, a elas é prescrita uma dupla jornada laboral, que compreende tanto o cuidado doméstico quanto o trabalho fora do lar. Neste sentido, exige-se das mulheres que consigam desempenhar com maestria os novos papéis que lhes são incumbidos, gerando a exigência de um desempenho sobre humano.

Também foi possível identificar a existência de uma *síndrome da mulher maravilha*, relativa às exigências contemporâneas de que as mulheres tenham uma performance perfeita e excepcional nas atividades que realizam.

Assim, o presente ensaio pretende lançar reflexões a respeito do que de fato significa ser uma mulher maravilha e se tal modelo é realmente desejável para as mulheres na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Renata. Síndrome da mulher maravilha: autodiagnóstico e autossuperação. **Glasnost**. Ano 3, n. 3, p. 48-54, 2016.

CUNHA, Jaqueline dos Santos. **A representação feminina em mulher pantera e mulher maravilha**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Catalão. 2016.

FOGUEL, Israel. **Minhas adoráveis heroínas**. São Paulo: Editora YolBook, 2019.

GONÇALVES, Marcio Luiz Quaranta. Resenha. CAMPBELL, Joseph. Deusas: os mistérios do divino feminino. São Paulo: Palas Athena, 2015. 350 p. **Religare**. Vol.14, n.1, pág. 198-201, 2017.

JENKINS, Patty (dir.). **Mulher maravilha**. Warnes Bros, 2017.

LAGES, Sônia Regina Corrêa; DETONI, Caroline; SARMENTO, Sandra Carrato. O preço da emancipação feminina - uma reflexão sobre o stresse gerado pela dupla jornada de trabalho. **Estação Científica**, FESJF, 2005.

LEPORE, Jill. **The secret history of wonder woman**. New York: Alfred A. Knopf, 2014.

MARSTON, Willian Moulton. Why 100,000,000 Americans read comics. **The American Scholar**, winter, v. 13, n. 1, p. 35-44, 1943.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. **Temas em Psicologia da SBP**, v. 12, n, 1, p. 2-17, 2004.

SOUZA, Luciano Dias de; AZEVEDO, Mileane Andrade. Representação feminina da personagem dos quadrinhos Mulher-Maravilha. **Coisas de Gênero**: Revista de Estudos Feministas em Teologia e Religião, São Leopoldo, v. 5, n. 2, p. 73-83, 2019.

Recebido em: 12 de Agosto de 2021

Avaliado em: 8 de Setembro de 2021

Aceito em: 13 de Setembro de 2021



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

1 Doutora em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; Mestra em Direito pela mesma Universidade. Graduanda em Ciências Sociais; Professora Adjunta na Universidade Federal do Pampa; Pesquisadora e uma das coordenadoras do Lilith - Núcleo de Pesquisas em Direito e Feminismos – Cnpq/UFSC); Coordenadora do Anátoma: Núcleo de Pesquisas em Produção do Conhecimento Jurídico – UNIPAMPA e do Projeto de Extensão LivroElas: Feminismos em debate – UNIPAMPA; Dedicou-se aos estudos de epistemologia e sociologia do conhecimento, direito e literatura, direito das mulheres e direito e feminismos. E-mail: amanda.oliveira@unipampa.edu.br

2 Doutorando em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; Integrante do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais – Meridianum-UFSC; Grupo de Estudos entre o Feminino e o Masculino na Longa Duração – GEFEM-UFSC e Bolsista CAPES. E-mail: rodoxbastos@gmail.com



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilha Igual CC BY-SA

